

## O ENSINO DAS “COISAS ESPIRITUAIS” NO SEMINÁRIO DE BELÉM (1686-1759)

Lais Viena de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** *No ano de 1686, o padre lusitano Alexandre de Gusmão S. J. (1629-1724) iniciou no Recôncavo baiano a fundação do Seminário de Belém, para instrução de meninos do “sertão” e “partes desamparadas” da doutrina cristã. Literato e educador, padre Gusmão foi professor, mestre de Noviços, reitor nos Colégios de Santos, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia e provincial da Companhia de Jesus. O Regimento do Seminário (1694 e 1696) atesta a preocupação com o ensino das primeiras Letras, e também do Latim, da Solfa e das Humanidades, enfatizando a formação de “bons cristãos”, nos “santos e honestos costumes” de acordo com a Fé Católica. Nesta comunicação busco apresentar alguns elementos dos preceitos católicos inculcados no cotidiano escolar deste internato secundário em fins do século XVII e princípios do sertão no mundo luso-brasileiro.*

**Palavras-chave:** História da Infância; Catolicismo; América Portuguesa

Em princípios do século XVIII, narrou padre Alexandre de Gusmão S.J. em sua obra “Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebrom” que, sob sua administração, e pelo “patrocínio, & providencia” de Nossa Senhora de Belém, logrou fundar “na era de 1686” um Seminário para os meninos “do certaõ, & partes remotas, & desamparados da doutrina, & criação” (GUSMÃO, 1715, 362 e 364). Naqueles anos, e já com adiantada idade, o padre lusitano Alexandre de Gusmão (\*1629 †1724) figurava com proeminência na Companhia de Jesus no Estado do Brasil. Foi provincial (1684 a 1688 e de 1694 a 1697), vice-provincial (1693 a 1694), mestre de noviços, reitor dos Colégios de Santos, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, e também foi professor de Filosofia, Teologia e Moral (LEITE, 1945, TOMO VII, 291; MACHADO, 141-1749, 95). Destacou-se como “insigne Orador”, “mestre jubilado”, “escritor doutíssimo” (PEREIRA, 1939:78). Escreveu obras apologéticas, ascéticas e morais como, “Escola de Bethlem Jesus Nascido no prezepio” (1678), “História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito” (1682), a já citada “Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebrom” (1715), e “Eleyçam Entre o bem & o mal eterno” (1720). Destaque para o tratado de educação infantil, “Arte de crear bem os Filhos na idade da Puerícia” (1685), em que, numa perspectiva moral e religiosa, o jesuíta buscou discutir as obrigações de pais e mestres, e os principais cuidados físicos, afetivos e espirituais com a criança, desde o nascimento à juventude.

Padre Alexandre de Gusmão S. J. demonstrava uma particular devoção aos mistérios da Natividade do Senhor. Em “Escola de Bethlem” (1678), lamentou o padre que muitos dedicavam “tanto engenho” ao tratar da Paixão, e poucos das “doçuras do Prezépio”. Segundo ele, estava encerrada nos mistérios do nascimento de Jesus, “a primeira cadeira da doutrina celestial” (GUSMÃO, 1678, 4). Sob o nome de Belém, escreveu padre Alexandre de Gusmão outras páginas na história da educação na América Portuguesa. Diogo Barbosa Machado, na breve biografia do padre Alexandre de Gusmão na “Biblioteca Lusitana”, afirmou que “para amparo, e boa educação da puerícia” havia fundado “hum Seminario, que intitulou de Belém pelo cordeal affecto, com que venerava o Menino Deos nascido no Presépio” (MACHADO, 1741-1749, 96).

---

<sup>1</sup> Mestranda em História – PPGH/FFCH – UFBA. [laisvsouza@yahoo.com.br](mailto:laisvsouza@yahoo.com.br). Orientador: Professor Doutor George Evergton Sales Souza.

O Seminário de Belém não servia para formação clerical, como poderia sugerir o termo. Conforme atestava o “Regulamento do Seminário de Belém”, redigido pelo padre Gusmão em correspondência ao Provincial da Bahia (1694 e 1696), destinava-se para a criação de “meninos em santos e honestos costumes, principalmente no temor de Deus e inclinação às coisas espirituais afim de saírem ao diante bons cristãos”. E, para “além disto”, continuava no mesmo parágrafo, “hão-de aprender a ler, escrever, contar, gramática e Humanidades” (In. LEITE, 1945, TOMO VII, 180). Em “Rosa de Nazareth”, relatava o padre que não diferia a “criação dos meninos”, que estavam entre os 10 e 17 anos de idade, “mais que nos votos”, pois viviam como os “Religiosos, “em clausura ao som de campainha, com summa obediência, & sugeyção aos Mestres”: “conforme o espírito de Christo” (GUSMÃO, 1715, 362).

Estava assim posta uma fórmula cara à pedagogia jesuítica: *scientia et mores, virtus et litterae*, o ensino das ciências e das Letras com proveito da Fé (HANSEN, 2002, 75). Philippe Ariès identificou no século XVII, concomitante à prédica de cristianização da sociedade, o processo moderno de escolarização da infância (ARIÈS, 1978, 164). Escolarização traduzida por este autor como, “o enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias” (ARIÈS, 1978, 11). Segundo este mesmo autor, ao longo do século XVII e XVIII, uma nova atitude em relação à infância foi expressa (e impressa) na “preocupação, antes desconhecida, de preservar sua moralidade e também de educá-la” (ARIÈS, 1978, 104). Através do *Ratio Studiorum* (1599), código universal da pedagogia jesuítica, percebe-se que a intenção declarada era de ensinar com as “letras”, “os costume dignos de um cristão”, e assim “moldar a alma plástica da juventude no serviço e amor de Deus” (FRANÇA, 1952, 181).

O ensino da fé, e das demais matérias, pareciam estar assim amalgamadas na escola, e isto aparecia bem nítido no Seminário de Belém. É interessante pensar nos termos do historiador José Antonio Maravall sobre a cultura do Barroco, no aspecto da “comoção”. Em suas palavras, um apelo comotivo estava (e deveria estar) “atuando calculadamente sobre os motores extraracionais” das “forças afetivas” nos sujeitos, “artimanha” presente nas artes, na política, na arquitetura, ou seja, em toda a cultura deste século XVII (MARAVALL, 1997, 147). O Seminário de Belém principiou sua edificação no ano de 1687, localizando-se a cerca de 15 léguas da cidade da Bahia, a 6 quilômetros a nordeste da Paróquia de Cachoeira, em “principios do sertão”, nas palavras do padre Alexandre de Gusmão (GUSMÃO, 1715, 364).

Conforme pode ser observado na planta enviada em 4 de junho de 1687 pelo padre Alexandre de Gusmão ao Geral da Ordem em Roma, juntamente com a missiva que solicitava a licença para sua edificação, reproduzida por Serafim Leite, contava com uma estrutura bem ampla, com as acomodações necessárias para um internato. Cozinha, dispensa, rouparia, os cubículos dos padres e os estudantes, uma Livraria e duas salas de aula (LEITE, V, 1945, 166).

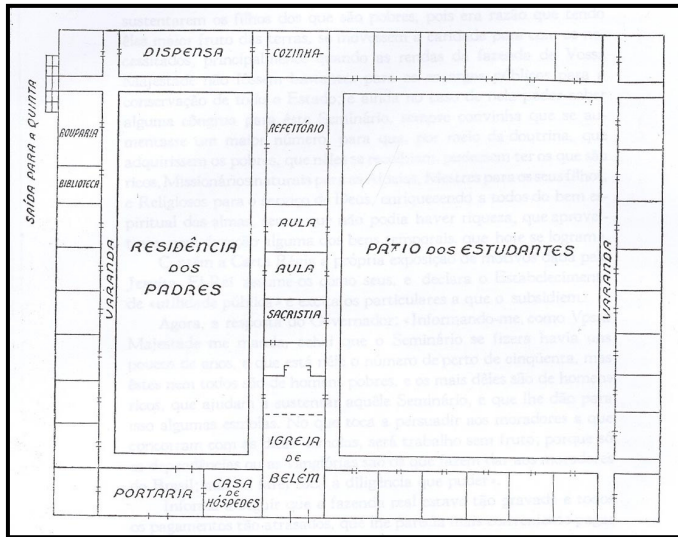


Imagem I – Cópia da Planta do Seminário de Belém. 4 de junho de 1687. (LEITE, V, 1945, 166)

Em lugar de destaque estava assinalada a Igreja de Nossa Senhora de Belém. As mais detalhadas informações que temos da estrutura do Seminário, “os ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem, que foi dos Religiosos da Companhia denominada de Jesus” procedem de seu Inventário (1759-1760) (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). Esta avaliação atendia as “Reaes Ordens de El Rey Nosso Senhor” de seqüestro dos bens das Ordens Religiosas que não possuíssem licença régia, e a posterior expulsão da Companhia de Jesus na América Portuguesa (SANTOS, 2002, 69).



Imagem II – Igreja de Nossa Senhora de Belém. Povoado de Belém, Cachoeira – BA. 2006.

Deste modo, foi inventariado “Hum Templo dedicado a Nossa Senhora de Belém, com o frontispício para a parte do Nascente, e aporta principal de almofadas, e duas janellas, com suas grades e seo adro, que occupa todo o lugar do mesmo Templo, e com hua Torre com quatro sineiras.” (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). Segundo Sebastião da Rocha Pitta, padre Gusmão, por ele intitulado de “Varão Santo”, “com algumas

esmolas e com o seu laborioso cuidado, fabricou pelo seu desenho suntuosa Igreja, a que deu o título de Nossa Senhora de Belém” (PITTA, 1950, 258).

Destacando nesta análise o altar-mor da Igreja, encontramos no Inventário a disposição das imagens. O nicho maior e central que “serve de throno” abrigava as imagens da Sagrada Família, Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). Em “Rosa de Nazareth”, narrou o padre Gusmão que estas Imagens vieram para o Brasil “por erro”, “porque mandando certa pessoa fazer a Lisboa as Imagens do Desterro para hua sua Capella deste titulo, o official as fez do Belém”. Era a Imagem de N. Senhora de Belém, nas palavras do padre Gusmão, “das mais fermosas, & veneráveis, que se tem visto, foy tirada pela da Madre de Deos em Lisboa, que fizeraõ os Anjos”. Estava acompanhada do seu Esposo, “de igual perfeçãõ”, e do Menino Jesus reclinado em um berço, representando o “mysterio do Nascimento do Salvador, a quem a obra [do Seminário] he consagrada”. A devoção dos fiéis à Virgem, no entanto, relatou o padre Gusmão, acabou por tornar conhecida a Igreja com o título de Nossa Senhora de Belém, nomeando também o distrito, como ainda hoje (GUSMÃO, 1715, 365).

Frei Agostinho de Santa Maria coligiu em sua obra, “Santuário Mariano e História das Imagens milagoras de Nossa Senhora” (1722), diversas histórias de todo o império português sobre a devoção à Virgem Santíssima. No Tomo IX, em que tratou do Arcebispado da Bahia, e bispados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Grão Pará, dedicou algumas páginas à “Imagem de Nossa Senhora de Belém, que se venera no Seminário da Companhia na Cachoeira”. Informava o agostinho descalço que era esta Imagem de “escultura de madeyra”, de altura de “huma perfeytissima mulher”, e estava “de joelhos com as mãos levantadas, & os olhos postos no Santíssimo Filho Menino, que está reclinado em hum berço, ou como presépio: & com tão grande affecto se mostra para com o soberano Filho, a quem adora, que arrebatava os corações” (SANTA MARIA, 1722, 226)

Emoldurados no belo altar da Capela, as três imagens receberam ricos ornamentos, o que por certo contribuía para o “arrebato” dos corações dos fiéis. Segundo a listagem do Inventário, um resplendor de Nossa Senhora de Belém pesava aproximadamente 195 gramas de ouro, e o outro, de prata com 315 gramas de prata, ornada ainda com uma cruz de aproximadamente 20 gramas de ouro, e “setenta e quatro lasquinhas de diamantes”, “dous palmos de transefim fino, com suas prezilhas nas pontas”, com 15 gramas de ouro, outra “cruz pequena de ouro, com quarenta, e cinco pedrinhas brancas as mais dellas damnificadas”, pesando cerca de 11 gramas, um anel com “quatro esmeraldas pequenas, e nove rubis também pequenos”, dois “cordoens de ouro, com trez varas cada hum de compridos”, com mais de 154 gramas, e um ramalhete “com doze flores grandes abertas, quinze pequenas, quatro tolipas nas pontas, hum lasso com suas pedra vermelha” (AHU, Projeto Resgate, Fundo Castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). O São José possuía dois resplendores, um com quase 215 gramas de ouro, e 30 gramas de prata, semelhante a de Nossa Senhora com quatro pedras azuis e uma vermelha, o outro de prata com quase 390 gramas. Com quase 700 gramas de prata era a vara de São José, “fina de prata lavrada na ponta”, com “cinco flores grandes abertas, e seis fechadas”, avaliada em 22\$560 réis.

O Menino Jesus (Imagem III), deitado em seu bercinho de jacarandá, entre “cobertor de damasco branco com flores de ouro forrado de tafetá carmezim”, “cobertor de seda amarela com flores de prata forrado de tafetá carmezim, e guarnecido de espiguiha de ouro”, estava enfeitado por um pequeno resplendor de 108 gramas de ouro, com uma haste de prata e uma pedra vermelha no meio, no valor de 43\$200 réis, e sete “botões” de ouro, e sete de prata, avaliados em 4\$700 réis no total (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). Da

Sagrada Família de Belém somente pudemos localizar o Menino Jesus. Contam os moradores de Belém, que não muitos anos há que arrombaram a Igreja e levaram as belas e devocionadas imagens de Nossa Senhora e seu Esposo.



**Imagem III** - Menino Jesus.  
17,5cm h/ 7 cm b/ 3,15 in d.  
(madeira), 2007.

Completando o cenário do altar-mor, estavam as imagens do Padre Fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola, e do Apóstolo do Oriente, São Francisco Xavier, cada qual a um lado da Sagrada Família. Do lado do “evangelho”, ou seja, esquerdo, estava Santo Inácio, com “4 palmos de alto”, e “huma cruz, e hum resplendor dourado, e huma verônica da conceição grande”, na qual estava pendurado um “relique” seu. Da parte da Epístola, à direita, estava a imagem de São Francisco Xavier, “hum resplendor, e hum sol dourado, e hum relicário, por dourar pequeno” que também contava com “huma relíquia” do referido santo. Nos nichos superiores, estavam São João Batista e São João Evangelista, cada qual com quatro palmos de altura, ambos com seus resplendores com quase 160 gramas de prata (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). Ainda no altar-mor estavam dispostos os objetos litúrgicos: cálices, ambulas, castiçais e turíbulo com muitos marcos de prata...

Nos “dous altares collateraes” estavam os “avós de Jesus” completando a Sagrada Família. Da parte do Evangelho, estava Santa Anna, “de seis palmos, e estufadas de ouro as suas roupas”, enfeitada com transelim e um resplendor de prata com mais de 415 gramas de prata. Neste mesmo altar havia um Senhor Crucificado, e uma Santa Quitéria com seu pequeno relicário. Na parte da Epístola estava São Joaquim, com seu resplendor, um ramalhete e um cajado de prata. São Benedito, com três palmos, e outra imagem do Senhor Crucificado compunham o altar. A Capela-mor, iluminada por duas vidraças, tem seu forro de “imitação de abobeda pintado de varias cores”, em que parece estar representada a Natividade do Senhor (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984). Entre muitos anjos, flores, com a presença marcante de tonas de vermelho e o dourado arrematando por certo um belo altar-mor para comover “os corações” dos romeiros e estudantes.

O templo estava assim, nas palavras do Peregrino de Nuno Marques Pereira, todo feito com “primor, e arte (...) traçado e fabricado por seu Fundador o venerável Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus”,

tanto pelas medições e regras da Geometria, como pelas correspondências do bem arrimado dos Altares, e Púlpitos: os quaes são feitas de luzida, e burnida de tartaruga com frisos brancos de marfim, que bem pudera apostar vantagens com o mais perfeito embutido da Europa, e do mais luzido jasper de Genova, e

polido de Italia. E está em tal proporção toda a igreja, que em nada se lhe póde pôr tacha; mas antes tem muito que se engrandecer, e louvar. (PEREIRA, 1939, 76)

A Igreja dispunha de “oito bancos grandes de cada parte” (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984), que provavelmente não eram suficientes para abrigar a multidão, em “suas necessidades, & recebendo muytas mercês”, que ocorria a Igreja nos tempos do Natal e em romarias (GUSMÃO, 1715, 336). Frei Agostinho de Santa Maria relatou que a “Santíssima Imagem” de Nossa Senhora de Belém era deveras buscada pelos moradores da região, “muyto frequentada com muytas romagens”. Continuava relatando o religioso, “a ella vão muytas pessoas ter as suas Novenas, para impetrarem da Senhora os favores, & mercês, que lhe pedem; & outras a darlhe as graças das que tem recebido da sua piedade”. Ao que parece, teve como fonte para seus escritos, informações dadas pelo vigário de Cachoeira, Padre Antonio Pereira, que por sua vez parece ter ouvido contar pelo próprio padre Alexandre de Gusmão com muita semelhança da narrativa das maravilhas operadas pela Virgem em “Rosa de Nazareth” (1715). Nossa Senhora obrava “muytas maravilhas”, afirmou o agostinho, “& o mesmo Padre Alexandre de Gusmão referido ao Vigaryo da Paróquia da Cachoeira, que nos fez esta relação, que muytas pessoas, que padecião grandes infirmitades, untando-se com o aceyte, da sua alampada, cobrarão a sua perfeita saude.” (SANTA MARIA, 1722, 227).

Em “Rosa de Nazareth”, padre Gusmão afirmou que para “além do fruto, que se colhe da criação dos meninos, também não he pouco o que se colhe da gente de fora” (GUSMÃO, 1715, 339). O regulamento do Seminário ordenava aos que assistiam no Seminário, que “ainda que a principal atenção dos Nossos no Seminário há-de ser o cuidado na criação dos meninos”, se possível fosse, e sem que a Igreja venha a se tornar “freguesia”, estivessem também dedicados, aos demais “ministérios da Companhia, que são administrar sacramentos, pregar e exortar o Povo”, e “ainda aludir às confissões de fora” (In. LEITE, Tomo V, 1945: 186 e 187). Relatava o padre Gusmão que “não só dos vizinhos, mas também dos mais distantes de cincoenta, & cem legoas de certo, concorrem a Belém, para bem de suas almas, & para implorarem da Senhora o remédio de suas necessidades”.

Como por exemplo, Dona Ursula Garcia, mulher de Antonio Bautista, “insigne bemfeytor do Seminário”, que tendo problemas no parto, e estando já três dias com o feto morto e com risco de vida ela própria, rogou à Senhora de Belém. Com apenas a visão da imagem da Senhora levada da Igreja do Seminário, “lançou hua criança morta podre, de tal grandeza, que todos julgaraõ era impossível expulsalla naturalmente”. Em gratidão D. Ursula, agradecida, “deu para o Altar da Senhora hua fermosa alampada de trinta & oytro marcos de prata” (GUSMÃO, 1715, 366). No Inventário foi listado este lampadário, com 35 marcos, ou seja, sete quilos, novecentas e vinte e duas gramas de prata lavrada, avaliado em 268\$800 réis (AHU, Projeto Resgate, Fundo castro e Almeida, caixa 26, doc. 4984).

Uma certa mulher “douda (...) trazida à Igreja por seus parentes”, que somente tomando “nas suas mãos este quadro da Senhora, se levantou toda risonha, & começou a baylar co elle nas mãos por toda a Igreja, &, ou fosse impulso de doudice, ou moção da Senhora, ella se tentou sã com juízo perfeitoyto, & nunca mais sentio semelhante falta”. Segundo o padre Gusmão, este quadro da Senhora era comumente levado aos enfermos, “& principalmente ás mulheres de parto, que os experimentaõ felices” (GUSMÃO, 1715, 366). Endemoniados, e “outros muytos, que acodem nessa Igreja com titulo de demônios, mas ou não são certos, ou são assombrados, ou

vexados de outras enfermidades não conhecidas também eram levados à Igreja” (GUSMÃO, 1715, 367).

O óleo consagrado na Igreja, chamado pelo padre de “azeyte de N. Senhora de Belém”, ao qual se referiu o frei agostinho, curou uma mulher de bexigas, e livrou um vizinho do Seminário de um atentado de bala. “De mayor admiração he o caso seguinte”, declarava o padre Gusmão. Esta mesma história, sem o mesmo detalhamento, foi citada pelo Frei Agostinho de Santa Maria (SANTA MARIA, 1722, 268). “Trouxeraõ seus pays à Igreja de N. Senhora de Belém hum filho único muyto enfermo, & já sem esperança de remedio natural”, contava o padre Gusmão. No momento que invocavam a graça de Nossa Senhora, misteriosamente “as cortinas que cobrem a Santa Imagem, se abrião por si, sem ninguém as tocar”. Naquela mesma noite o menino faleceu. Seguiu já o séqüito, com o corpo do menino amortalhado, nas vistas de parentes e vizinhos, e de repente “se levanta o menino vivo chamando por nossa Senhora de Belém” (GUSMÃO, 1715, 368). Nas palavras do Frei Agostinho de Santa Maria, ressuscitou o menino “por mercê, & favor daquella Soberana Senhora, sem saber dizer mais.” (SANTA MARIA, 1722, 268). O próprio padre Gusmão instou o menino para que lhe dissesse o que havia visto, que lhe respondeu que havia visto uma Nossa Senhora igual à Imagem de Belém (GUSMÃO, 1715, 368).

Em um capítulo que tratava da devoção dos inacianos à Sagrada Família em “Rosa de Nazareth”, narrou padre Gusmão que eram “No Seminario de Belem na Província do Brasil” venerada toda a família toda “da Virgem em suas Imagens fermosissimas, & em opinião de todos as mais fermosas, que vierão de Portugal”. Contava o jesuíta, que todos os dias os seminaristas, que “são criados no amor, & devoção da Virgem santíssima”, depois de haver saudado a Nossa Senhora de Belém, “costumão saudar a seu Santo Esposo, & Sãtos Pays”. (GUSMÃO, 1715, 264)

A Igreja de Nossa Senhora de Belém parecia ser assim o centro de todo o Seminário de Belém, como de fato atestava sua localização na planta. Era além de Templo Sagrado, ao qual acorriam devotos em busca de mercês e graças da venerada imagem de Nossa Senhora de Belém e seu milagroso azeite, ponto gravitacional de toda a pedagogia que podemos entrever em Belém. Segundo estava determinado no Regulamento do Seminário, nas ordens que se deviam guardar no Seminário de Belém, os meninos visitariam ao menos duas vezes ao dia a Igreja de Nossa de Belém. Logo ao amanhecer fariam as preces e assistiriam à Missa, após a ceia, “ouvirão lição espiritual, visitarão o Senhor e a Senhora na Igreja, aonde farão brevemente exame de consciência, rezarão as preces noturnas” (LEITE, Tomo V, 1945: 188).

Em “Rosa de Nazareth” relatava o padre Gusmão, que “todos os dias, que cessão das classes, tem praticas espirituas, em que principalmente lhes intimaõ o temor de Deos, pureza da alma, & mais bons costumes, com a devoção da Senhora”. Nos Domingos ouviam a “Doutrina Christã”, e comungavam nas “festas de Christo, & da Senhora”, “& não poucos frequentão a Communhaõ cada oyto dias”. Todos os dias ainda, “na devoção da Senhora co que são criados”, rezavam o terço “juntos a coros, & as suas Ladainhas, que ao Sabbado são cantadas a canno de órgão”. Destacava o padre que os meninos guardavam “sempre o bom costume de visitar o Senhor, & a Virge a santíssima ao ir, & vir da classe” (GUSMÃO, 1715, 363). Ao amanhecer, antes de dormir, antes de cada aula, nas Missas, nas romarias, nas festividades, os seminaristas estavam na Igreja de Nossa Senhora de Belém, rezando, cantando, comungando ou somente observando o seu “primor e arte”. Por certo que não passava a seus corações os apelos comotivos, tão caros a cultura do barroco, para moldar as crianças nos “santos e honestos costumes” da moral católica no mundo luso-brasileiro de fins dos Seiscentos.

## REFERÊNCIAS E FONTES

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FRANCA, Leonel S. J. **O método pedagógico dos Jesuítas**. O Ratio Studiorum. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1952.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Arte de criar bem os Filhos na idade da Puerícia**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**. Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1715.
- HANSEN, João Adolfo. *Educando príncipes no espelho*. In: FREITAS, Marcos e KUHLMANN JR., Moysés (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 61-97.
- Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem, que foi dos Religiozos da Companhia denominada de Jesus. (1759 e 1760)*. **Arquivo Ultramarino. Projeto Resgate. Fundo Castro de Almeida**. Bahia. Caixa 26. Documento 4894.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomos V, e VII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa: Livraria Portugália, 1945.
- MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana**. Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1741-1759. pp. 95 e 96.
- MARAVALL, José Antonio. **A cultura do Barroco. Análise de uma estrutura histórica**. Clássicos 10. SP: Ed. da USP, 1997
- Ordens para o seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso reverendo Padre em uma sua de 28 de janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de janeiro de 1694 ao Padre Provincial (Gésu, Colleg, 15)* In: LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. TOMO V da Bahia ao Nordeste. Século XVII-XVIII Cap. VII Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1945. pp. 180-189
- PEREIRA, Nuno Marques. **Compêndio narrativo do Peregrino da América**. 6º edição. Vol. I Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939.
- PITTA, S. Rocha. **História da América Portuguesa**. Coleção de Estudos Brasileiros. Série Marajoara. Vol. 7. 3ª ed. Salvador: Livraria Progresso Edelorar Águia e Souza LTDA, 1950.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de. **Santuário mariano e Histórias das Imagens milagrosas de Nossa Senhora**. Tomo IX. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Gabram, 1722.
- SANTOS, Fabrício Lyrio. **Te Deum Laudamus. A expulsão dos jesuítas da Bahia. (1758-1763)** SSA: Dissertação de Mestrado UFBA/Programa de pós-graduação em História, 2002.